



O MORTO E A ROSA

A morte vai tranqüila em muitos rostos
O morto vai tranqüilo e entre rosas
No céu a ave qualquer traçou o adeus
Do chão sobe a canção que embala a angústia

E o morto vai secreto entre o silêncio
Seu corpo desce enfim à terra fértil
- pasto de vermes-desconhece a dúvida
Vai com ele a saudade feita rosas

que o embalam e fecham de silêncio
Uma rosa porém subreptícia
tombou: fugindo a ser socorro aos bichos

Uma rosa escapou aos pés monótonos
Uma rosa escapou aos dedos úmidos e
guarda em perfume o espírito do morto.

Que um dia quando pó forem meus nervos
e minha carne o adubo de uma rosa
e uma ave voar no meu silêncio
e tudo quanto fui seja memória,

quando água se façam meus pensamentos
e os desejos em nuvens se transformem
quando já nada reste de meus erros
e meu ser seja orvalho numa rosa,

possa ao menos alguém lembrar ao ler
o mais triste dos poemas, a sofrida
saudade de um bem que foi por ter

e, lembrando, ouça a música incontida
da palavra comigo sepultada:
doce, nítida, pura, azul e alada.